



UMA BOLSA SE TRANSFORMA EM CADERNO-BOCA-OUVIDO CUJA VOZ SOPRA SECRETAS ESCRITAS DE SI

Alice Jean Monsell¹

Resumo

O texto discute a proposta artística *Todos os segredos fora da caixa* de 2017, uma instalação propositiva que proporciona o compartilhamento de segredos e onde participantes deixam *escritas de si* em bolsas no chão, formando uma coleção que relacionamos ao conceito de *escrita de si* e dos *hypomnemata* em Michel Foucault. Vemos a questão do gênero em Judith Butler em relação aos materiais da instalação. A noção do segredo é vista em Louis Marin e Andras Zempléni e relacionamos o ato de revelar um segredo à prática da liberdade discutida no ensaio, *The Confession as a 'practice of freedom': feminism, Foucault and 'elsewhere' truths* de R. Mills (1995) e aos conceitos foucaultianas de *parrhesia* e cuidado de si.

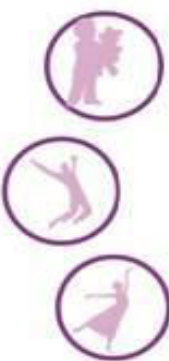
Palavras-chave: Escrita de si. Segredo. Sobras do cotidiano.

Arte de abrir uma bolsa fechada

Uma bolsa é um espaço privado e pessoal, um lugar para guardar um batom, maquiagem, um nécessaire, lenços, dinheiro, lápis, caneta, chaves, pedaços de papel, cheques, cartões, creme, absorventes, pílulas, recados, a lista do supermercado, telefone celular, agenda, talvez cartas, recibos, fotos velhas, uma foto da filha ou filho, uma bala perdida no fundo entre migalhas. São geralmente macias ao toque, feitos de uma pele animal, de plástico, de vinil maleável ou de outra fibra suave. Dobram-se e andam junto ao nosso corpo. Tornam-se quase amigas e têm personalidades. Ficam velhas conosco e até têm gênero: uma bolsa pode ser feminina ou masculina. Mas, se for considerado masculino, este objeto útil que vive tão perto de nosso corpo ganharia outro nome: “pasta”. As bolsas, mais do que os bolsos incorporados em roupas, são femininas e pertencem à cultura material feminina. No espaço público, não seria sensato deixar uma bolsa aberta como convite para a invasão da privacidade e do roubo. Uma pequena porção da vida diária reside naquele espaço – agenda, celular, carta velha, lembrança, dinheiro. No contexto do cotidiano, ela pode guardar alguma coisa secreta, recado, carta; mantém o dinheiro fora de vista; armazena índices da subjetividade; constitui um espaço de propriedade; realiza funções úteis, afetivas e pessoais. E ela, quando aberta

¹ Doutora em Artes Visuais (UFRGS, 2009), Artista e professora adjunta do Bacharelado e PPGAV-Mestrado em Artes Visuais do Centro de Artes da UFPel, alicemondomestico@gmail.com .





numa mesa ou pendurada, mostra suas dobras macias que podem assumir um formato que lembra uma vulva (Figura 1).

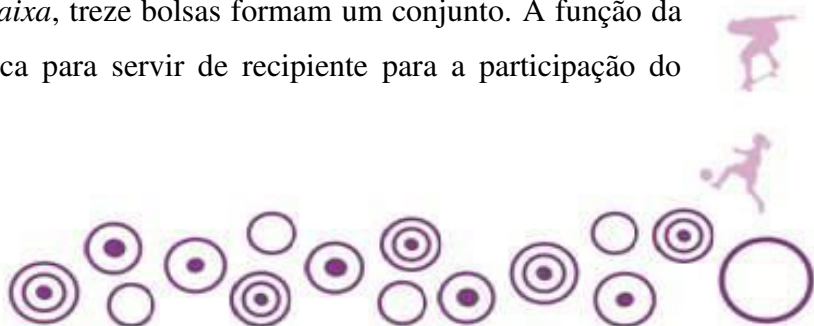
Figura 1. Detalhe de bolsa da proposta: *Todos os segredos fora da caixa 1*, 2016

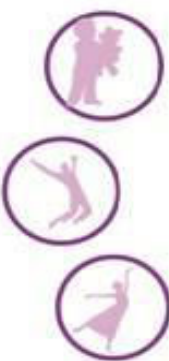


Foto: Autora.

Esta bolsa pendurada foi apropriada como material para a proposta artística *Todos os segredos fora da caixa*. Na instalação propositiva a bolsa abre seu espaço a novos sentidos e funções não designados por seu *design*. Este objeto de segunda mão é o que chamo de *sobra do cotidiano*, uma palavra-chave da pesquisa em arte intitulada *Sobras do Cotidiano e da Arte contextos, reaproveitamento, diálogos e documentação do lixo em deslocamento entre o espaço privado e público (renovação)* que é vinculado ao Grupo de Pesquisa Deslocamentos, observâncias e cartografias contemporâneas (CNPq/UFPel). Uma *sobra* é um objeto ou material que pode ser transformado - como uma sobra de jantar, não é jogada fora. Esta bolsa de segunda mão foi dada, por ser considerada feia, fora de moda ou contrária à imagem identitária que seu dono queria projetar. Chamo tais objetos e materiais de nosso dia a dia de *sobras do cotidiano* – materiais que também podem ser reaproveitados no contexto da arte.

Em *Todos os segredos fora da caixa*, treze bolsas formam um conjunto. A função da bolsa como continente portátil se desloca para servir de recipiente para a participação do





público no ato de compartilhar um segredo escrito numa “ficha” de papel e depositado em uma das bolsas e estas escritas secretas objetivam potencializar um espaço de liberdade.

Figura 2. *Todos os segredos fora da caixa*. Florianópolis, 2017.



Foto: Autora.

Em 2017, a instalação foi apresentada no chão da galeria do Museu MARQUÊ, na UFSC em Florianópolis durante a *II Exposição Internacional de Arte e Gênero* sob a curadoria de Rosa Maria Blanca e curadoria assistente de Jacks Ricardo Selistre. Lápis, canetas, uma prancha e dois tatames são fornecidos onde as pessoas podem sentar (Figura 2). As bolsas ajustadas para assemelhar-se a uma boca ou vulva foram costuradas junto com cobertores dobrados formando um corpo mole. O participante escreve no papel e deposita seu segredo numa das bolsas. O conjunto funciona como um fichário que guarda e disponibiliza os segredos. Depois de poucos dias na galeria, as bolsas encheram com as escritas das pessoas que visitaram a exposição vinculada ao Seminário Fazendo Gênero 11 & Congresso Mundo das Mulheres 13 (Figura 3).



Figura 3. Instalação *Todos os segredos fora da caixa*, 2017.

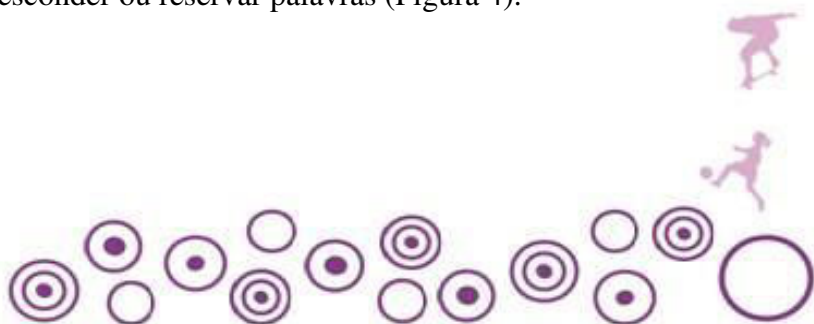


Foto: Alice Monsell

Em *Logiques du secret*, filósofo e crítico francês Louis Marin (1984), discute o segredo que se refere não somente ao ato de não revelar uma fala, mas também objetos, materiais que resguardam algo em produções poéticas. O segredo é aquilo que é “reservado” entre duas pessoas, entre dois grupos ou coisas. O segredo constitui uma separação:

O segredo - a referência etimológica que, sem dúvida, será repetida -, é aquilo que é colocado aparte (*se-cemere*), o que é separado, o que é reservado. Em qualquer conjunto de indivíduos (indivíduos que, de um modo ou de outro, formam um conjunto: de coisas, de palavras ou de frases, de pensamentos ou de discursos, de seres), um destes foi afastado, não está mais. [...] todavia, devemos facilmente ao examinar a linguagem comum - seja técnica, científica ou poética - [perceber] o aparecimento desta operação de separação - senão o contrário do segredo, pelo menos seu desaparecimento, sua resolução (MARIN, 1984, p. 60).

Ao refletir sobre a noção do segredo, observo que as bolsas formam um conjunto. O participante da proposta escolhe uma das bolsas para depositar seu segredo, assim, separando-se de sua escrita de si e a isolando num dos continentes no chão. A separação é temporária porque esta proposta não “reserva” o segredo, mas provoca seu fim, sua revelação, “seu desaparecimento, sua resolução”. Na proposta, uma pessoa leva alguns minutos para escrever ou ler as escritas de outras pessoas no canto da galeria. As fichas para os segredos são feitas de papéis velhos e guardados, *sobras* da minha casa que preparo com tinta acrílica. Ao cobrir as palavras com tinta, implico um ato de esconder ou reservar palavras (Figura 4).



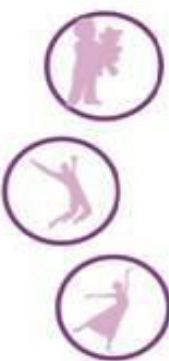


Figura 4. Detalhe de uma “ficha do segredo”.



Foto: Autora.

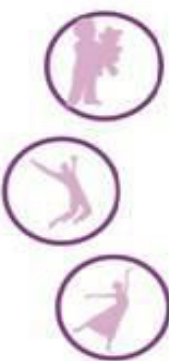
O/a participante deve selecionar *uma* das bolsas ou pastas, as quais são culturalmente codificadas por um *design* binário masculino/feminino. Apresentei uma variedade de estilos de bolsas como procedimento tático, uma isca para provocar uma escolha pessoal: Qual bolsa escolher? Onde pôr a escrita?: na bolsa de miçangas ou na pasta de couro?; na pequena ou na grande?; de veludo ou de algodão? Embora esta escolha possa ser feita rapidamente, em outros casos, implique uma seleção subjetiva que talvez repita ou subverte a ordem de um comportamento esperado masculino/feminino. Segundo a filósofa Judith Butler,

Gênero não deve ser interpretado como uma identificação estável ou lócus de agência a partir da qual seguem vários atos. Em vez disso, o gênero é uma identidade discretamente constituída no tempo, instituída em um espaço exterior através de uma repetição estilizada de atos. O gênero é produzido através da estilização do corpo e, portanto, deve ser entendido como a maneira mundana em que os gestos corporais, movimentos e estilos de vários tipos constituem a ilusão de um eu de gênero persistente. (BUTLER, 2006, p. 140, *Tradução nossa.*)

Atos de revelar o segredo e falar a verdade

Este trabalho surgiu depois de tomar conhecimento de uma aluna que estava sendo perseguida por outro aluno. Seu ato de revelar o segredo em público terminou um problema de mais de três anos e percebi a força libertadora do ato de revelar. O etnólogo húngaro/francês Andras Zempléni (1984, p. 106) discute a função da resistência de falar o segredo. O segredo é a forma de comunicação que necessita de um ‘detentor’ e um ‘destinatário’. O ato de *guardar um segredo* é “uma forma de resistência mais geral, simples e





discreto [...] o segredo é o meio mais comum de que os povos subjugados e grupos oprimidos usam para preservar a sua identidade social e cultural” (1984, p. 102, *tradução nossa*).

O ato de contar o segredo pode subverter os limites sociais de “lavar a roupa suja em casa”. Agressão e a violência contra a mulher nunca constituem casos isolados ou privados. Ao combater as crenças que privatizam problemas sociais graves como se fossem “pessoais” ou “algo particular” que se deve “guardar em família”, afirmamos que a perseguição, o estupro, o assédio, a violência e o abuso do corpo sempre são *problemas sociais* onde o ato de contar estas verdades desencadeia um processo de cuidado de si que empodera o sujeito.

Um segredo que conta uma situação injusta é somente aceito *como uma verdade* se a pessoa que fala seja reconhecida socialmente como *a pessoa que fala a verdade* que se refere a um termo discutido em Foucault. Na Grécia antiga, as noções de *a parrhesia*, que denota a atividade de *falar a verdade*, e *a escrita de si*, o ato de escrever sobre si mesmo, são *práticas de si* que cultivam o sujeito e denotavam, antigamente, um cidadão grego masculino e livre. Segundo Ros Mills (1995), estas *práticas de si* desenvolvem o *ethos* - noção que engloba o modo do indivíduo comportar-se com os outros e agir na sociedade,

que implica ...uma relação com os outros na medida em que o cuidado de si o torna competente para ocupar um lugar na cidade, na comunidade ou nos relacionamentos inter-individuais [...] – seja como exercício de magistrado ou em relacionamentos amigáveis (MILLS, 1995, p. 103, *Tradução nossa*).

Em Foucault, a figura que ganha tal *status* de ser *quem fala da verdade* na sociedade, o *parrhesiastes*, tem um papel importante na formação de sujeitos éticos, capazes e úteis no cuidado de si e dos outros:

todos deveriam tentar cuidar de si mesmo e de seus filhos [201b4]. E aqui você encontra uma noção que, como alguns de vocês sabem, eu[Foucault] gosto muito: o conceito de "epimeleia heautou", o "cuidado do eu". Nós, então, penso, um movimento visível ao longo deste diálogo da figura parrhesiosa de Sócrates ao problema do cuidado do eu (FOUCAULT, 1983, p. 35).

Mas em nossa sociedade a resistência de contar um segredo sobre estupro, agressão ou perseguição aumenta devido ao medo de nossa palavra não ser aceita *como a verdade*.

Na concepção grega da parrhesia, [...] pressupõe que o parrhesiastes seja alguém que tenha as qualidades morais necessárias, primeiro, para conhecer a verdade e, em segundo lugar, transmitir essa verdade aos outros. [...] Se há uma espécie de "prova" da sinceridade dos parrhesiastes, é sua coragem (FOUCAULT, 1983, p. 3).

O ato de revelar um segredo através do trabalho *Todos os segredos fora da caixa* constitui um ato de coragem onde se deve superar uma resistência interna, pois, o participante é colocado no lugar vulnerável do *parrhesiaste* – a pessoa que a sociedade legitima como *falante da verdade*. Embora o anonimato reduz a resistência, ainda é um ato de cuidar de si.





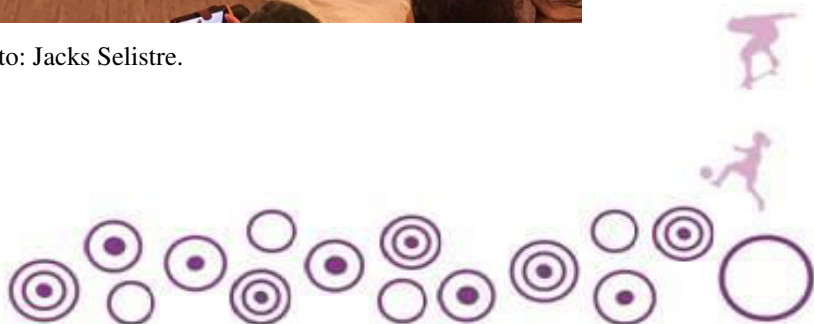
Bolsas-cadernos escritas de si

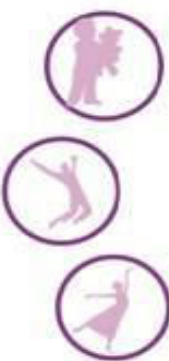
Todos os segredos fora da caixa guarda e compartilha as verdades de muitas pessoas, assim, tornando-se uma *escrita de si coletiva*. Lembra dos *hypomnemata* descritos por Foucault, os cadernos contendo escritas sobre a vida e atividades diárias, os quais não constituam uma “narrativa de si mesmo”, nem diários, nem têm a função de “revelar o que está oculto, mas, ao contrário, [têm função] de captar o já dito; reunir àquilo que se pôde ouvir ou ler, e isto com uma finalidade que não é nada menos que a constituição de si” (1992, p. 136). De modo semelhante, a coleção de escritas nas bolsas se torna também uma *coleção do ‘já dito’*. Os *hypomnemata* objetivam “fazer da recolecção do logos fragmentário e transmitido pelo ensino, a audição ou a leitura, um meio para o estabelecimento de uma relação de si consigo próprio tão adequada e completa quanto possível (1992, p. 138). As escritas da minha proposição não são detalhadas como os *hypomnemata*, mas tem função semelhante quando lidos por outras pessoas que captam o “já dito”. O ato de compartilhar a escrita sobre uma situação mantida em segredo potencializa o cuidado de si e dos outros.

Figura 6. *Uma leitura dos segredos em voz alta, Florianópolis, SC. 2017.*



Foto: Jacks Selistre.





A segunda parte do trabalho é a performance *Uma leitura dos segredos em voz alta* (Figura 6) que compartilha publicamente os atos de “constituir a si próprio como sujeito de acção [...] pela apropriação, a unificação e a subjetivação de um “já dito” (p. 160) onde “O escritor constitui a sua própria identidade mediante essa recollecção das coisas ditas [pela releitura]” (p.143-144). Finalizo compartilhando algumas escritas:

Estou apaixonado por João / Quero colocar minha língua entre os lábios da minha amiga / Me escondo atrás dos meus alt-egos / Apanhei do meu primeiro namorado / Bati a cabeça da minha irmã na estante / Acredito em utopias / Gostei de sentir o dedo do meu irmão na minha vagina / Fui espancada e agredida muitas vezes pela ex-parceira / Já fiz um aborto / Ainda acredito no mundo e nas pessoas / talvez me divorcie em breve

Referências

- BUTLER, Judith. **Gender trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. 1st ed. New York: Routledge, 2006.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160. Disponível em: <<http://eps.otics.org/material/entrada-outras-ofertas/livros/a-escrita-de-si-michel-foucault>>. Acesso em: 15 jan. 2017.
- FOUCAULT, Michel. **O governo de si e dos outros**: curso no Collège de France (1982-83). 1. ed. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. Disponível em: <http://www.uesb.br/eventos/emkant/texto_III_IV.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2017.
- FOUCAULT, Michel. **Discourse and truth: The Problematization of Parrhesia**. (Seis palestras de Michel Foucault na UCLA/ Berkeley, Oct-Nov. 1983, inglês, Transcrição original, disponível em: foucault.info/downloads/discourseandtruth.doc). Disponível em: <http://www.cscd.osaka-u.ac.jp/user/rosaldo/On_Parrehesia_by_Foucault_1983.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2017.
- MARIN, Louis. Logiques du Secret. Traverses. **Le secret**. Paris, Centre Georges Pompidou, n. 30-31, mar. 1984, p. 60-69.
- MILLS, R., The confession as a 'practice of freedom': feminism, Foucault and 'elsewhere' truths, **Law text culture**, 2, 1995, p. 100-117. Disponível em: <<http://ro.uow.edu.au/cgi/viewcontent.cgi?article=1164&context=ltc>>. Acesso em: 12 jan. 2017.
- ZEMPLÉNI, Andras. Secret et Sujétion, Traverses. **Le secret**. Paris, Centre Georges Pompidou, n. 30-31, mars., 1984, p. 102-115.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

